

Editorial

Identidade e subjetividade: avanços e paradoxos para o século XXI

Falar sobre identidade e subjetividade é sempre teorizar sobre o polêmico. Sem dúvida, na contemporaneidade, nenhuma outra temática tem mobilizado tantos pesquisadores, das mais diversas disciplinas e até mesmo de diversas áreas, todos preocupados com uma discussão que vai desde o aspecto ontológico, até o político da questão. Na contemporaneidade, estamos vivendo os múltiplos efeitos de um mundo cada vez mais complexo, com avanços tecnológicos, mas também com antagonismos e desigualdades. No âmbito psicossocial, é possível denunciar a produção de sujeitos que vivem isolados, fechados sobre si mesmos, numa prática individualista, cada vez mais exacerbada. No âmbito da produção das identidades coletivas, podemos dizer que, algumas vezes, avançam para a emancipação, mas, em outras, reproduzem velhas maneiras de se fazer política, dependendo dos processos de exclusão-inclusão e de globalização-localismo a que estão submetidas.

Segundo Boaventura de Sousa Santos, sociólogo português, em palestra proferida na PUC/SP em 1995, toda globalização implica sempre em processos de localização, uma vez que a globalização integra, incorpora, inclui, pelo mesmo modo como exclui o que está em volta dela. Ela exclui vários localismos, na mesma medida em que outros a ela são integrados, tornando único e universal aquilo que é particular de um determinado e específico contexto. Assim, ela completa causando um impacto local, no momento em que particulariza o universal.

Nesta perspectiva, podemos perceber que a globalização exclui aquilo a que não se integra, que pode ser as raízes, as identidades, as escolhas e a produção de conhecimentos populares, os quais, ao serem fortemente desvalorizados, desvalorizam ao mesmo tempo as práticas decorrentes deles e, principalmente, provocam a destruição do grupo que os produziu. Mas, por outro lado, a globalização não deixa de se apropriar daquilo que exclui, requalificando como “folclore”, “tradição”, “turismo”, etc., ficando, de certa forma, livre para poder subordiná-los ao seu sistema.

Pensar e atuar em torno da temática **subjetividade e construção de identidades** pode estar trazendo importantes questões acerca das problemáticas que enfrentamos na atualidade. Os sujeitos construindo o que podemos chamar de identidades culturais, profissionais, étnicas, etc., podem se revelar como subjetividades que se objetivam em lutas constantes por sua inclusão no âmbito político-

econômico-cultural. Se, por um lado, revelam-se excluídos de inúmeras formas, por outro, expressam-se como metamorfoses no espaço existencial, por meio de fatores afetivo-reflexivos que se objetivam na direção da valorização de si e de seus companheiros, num processo de identificação que se traduz na dialética diferença/igualdade.

Cada sujeito que se insere em processos de unificação coletiva, portanto, que constrói identidades culturais, profissionais, étnicas, etc., busca conquistar seus direitos de cidadão, mas busca, mesmo sem o saber, a reafirmação de sua dignidade como sujeito particular. Cada singularidade participante destas formas de unificação coletiva, destes processos identitários, pode ser considerada como uma objetivação que a subjetividade encontra, de resistir à opressão advinda dos processos de globalização, seja pela crítica, seja pelo medo.

No entanto, em nossa sociedade, tais sujeitos não vivenciam sua participação nestes processos de forma linear e sem contradições, uma vez que subjetivam ao longo de suas histórias, modos de ser amparados em propostas individualistas e discriminatórias, mostrando que a negação de um movimento pode se fazer na incorporação daquilo que nega, num jogo de avanços e recuos constantes.

Bader B. Sawaia quando analisa o conceito de identidade, no livro *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, indica dois perigos que se impõem na construção dos processos identitários: o de fechar-se num essencialismo fetichizador ou o de perder-se na perspectiva volátil. Ao fechar-se num essencialismo, os sujeitos se colocam de maneira intolerante com o diverso e resistentes a toda e qualquer forma de transformação, negando as diferenças, onde a lógica do UNO se sobrepõe a lógica do múltiplo. Quando, ao contrário, a identidade por rejeitar toda forma de definição se traduz numa perspectiva volátil, corre-se o risco da perda da noção de si. O perigo, que pode estar presente em ambas as posturas, é o enaltecimento do EU, expresso tanto no isolamento do sujeito, por não mais acreditar no comunitário, quanto na produção do fundamentalismo, por se fechar totalmente naquilo que ele qualifica como comunitário: *a SUA comunidade*.

Por outro lado, uma alternativa para superação e transcendência da opressão vivida cotidianamente é a cons-

trução de laços identitários, vividos como unificação das diferenças em torno de um projeto que se faz comum. Nesta perspectiva, identidade é diferença e igualdade, é uno e multiplicidade, é construção e desconstrução, é definição e indefinição, é totalização que se destotaliza e se retotaliza a todo instante. Ainda, nesta perspectiva, as identidades se traduzem como processos sempre inacabados de “identificações em curso”, tal como Boaventura de Sousa Santos havia apontado em seu livro *Pela mão de Alice*.

Subjetividade, por sua vez, não nos parece um conceito menos polêmico, já que encontramos, na modernidade, seu sentido voltado para uma concepção individualista e pretensamente universal, sem tempo nem espaço definidos. De acordo com Boaventura de Sousa Santos, é possível compreender tal processo, pelo triunfo de uma subjetividade individual em relação a uma subjetividade coletiva, e de uma subjetividade abstrata em relação a uma subjetividade concreta. O paradigma da modernidade aponta subjetividade como o primeiro nome para se qualificar a identidade.

É assim que inicio a apresentação deste número da *Revista Katalysis*, cujo tema é **subjetividade e construção de identidades**. Cada artigo contido aqui nos mostra que se faz necessário apontar significados contextualizados para as noções de identidade e subjetividade, contribuindo para o avanço da temática no século XXI.

O artigo *Identidade e individuação* de autoria de Sérgio Lessa faz refletir sobre o modo como temos nos constituído como sujeitos, em meio ao individualismo exacerbado, onde o outro deixa de ser referência e parâmetro para a construção da minha identidade, produzindo um crescente sofrimento, de forma que se mantenha a reprodução social regida pelo capital. O autor, baseado numa visão histórico-dialética da identidade, afirma que cada um de nós é uma “particularização do que a humanidade já foi capaz de produzir e de gerar ao longo da história”, mostrando a necessidade da construção de uma sociedade onde se vivencie a sociabilidade para além da mercadoria.

Identidades em movimento: pensando a cultura nacional por meio do cinema, de Adriano Messias de Oliveira, traz a noção de identidade como multiplicidade, mostrando que a construção das identidades culturais/nacionais se faz por paradoxos e oposições, compreendendo-as como práticas discursivas, onde o conceito de cultura e de nação se faz repleto de “hibridismos”, nunca cristalizados ou estagnados. Conclui, na perspectiva de que o cinema aparece como “refletor e construtor de laços identitários”, considerando que os filmes brasileiros realizam esta função.

Em *Um deseo de ser piel roja*, o autor Manuel Jesús Sabariego Gómez faz uma crítica às categorias que com-

põem a noção moderna de ciência, compreendendo que esta se faz absolutista e separada de outras formas de conhecimento, experiência e interpretação do mundo. Aponta que este paradigma científico cria os mais “diversos dispositivos reguladores que cortam qualquer possibilidade emancipatória das identidades fixadas pela modernidade, no político e no social”. O autor continua seu artigo, indicando que a “teoria *queer*” tem possibilitado “outras maneiras de olhar a ciência” para além de uma postura de negação e de exclusão com o diverso.

Preocupada com a discussão em torno dos procedimentos de pesquisa e sua relação com a subjetividade e a identidade, Latif Antonia Cassab, em seu artigo *Subjetividade & pesquisa: expressão de uma identidade*, conceitua identidade como um movimento de diferença e igualdade. Subjetividade, a autora compreende como parte da identidade, revelando “o ser humano nos distintos jeitos de transitar, pelos tempos e espaços em que está destinado a ser sempre mais”. Finaliza apontando que a pesquisa deve “expressar o desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações cotidianas”, numa perspectiva histórico-dialética.

Saul Neves de Jesus, por sua vez, no artigo *Desmotivação e crise de identidade na profissão docente*, está preocupado com a “crise de identidade” de um grupo profissional específico, os professores. Analisando algumas características e mudanças no contexto educativo, busca seu impacto na motivação profissional da categoria em questão, apontando o que há de geral e específico deste processo. Finaliza apresentando o conceito de “bem-estar docente” e algumas alternativas à problemática levantada no artigo.

As transformações no mundo do trabalho e as conseqüências na subjetividade dos indivíduos é o artigo que, de autoria de Íris Fenner Bertani e Sirlene A.P. Barretto, aponta as características do sistema capitalista e a centralidade do trabalho constituindo a identidade de homens e mulheres. As autoras pontuam que, com os avanços tecnológicos e a automatização das tarefas, desenvolvem-se novas relações de trabalho e capital, levando homens e mulheres ao sofrimento físico e psíquico, como conseqüência da supervalorização do capital em detrimento do humano.

Andrea Baltazar, no artigo *Cultura camponesa e telenovela: em jogo a identidade da vida íntima*, mostra-nos a ambivalência dos processos da comunicação humana, apontando que a televisão está ao lado de outros fenômenos simbólicos e complexos da cultura. A autora busca analisar a construção da identidade da vida íntima de jovens camponeses, entendida como “jogo contraditório e complementar entre tradição e modernidade”, a partir da assistência a telenovelas brasileiras.

Proteção integral e ato infracional: um estudo em Santa Catarina é o artigo onde Marli Palma Souza dis-

cute a doutrina da proteção integral, buscando seus fundamentos nas normativas internacionais. O artigo examina alguns dados empíricos oriundos de pesquisa liderada pelas universidades públicas do estado, mostrando que a “opção pelo papel de sujeito e o conseqüente respeito à subjetividade, na elaboração e implementação das políticas, têm garantido êxito a alguns projetos sociais”, conduzindo à subjetividade emancipatória, de acordo com o princípio da doutrina da proteção integral.

Flávia Maria Lacerda Felipe, no artigo *Obesidade como problema social: novas demandas profissionais ao Serviço Social*, ocupa-se de discutir e compreender “o alcance da discriminação e do preconceito em relação a indivíduos obesos”, destacando o papel da mídia na construção de um modelo corporal. A obesidade é por ela compreendida como um fator multidimensional, “composto por determinantes políticos, econômicos, sociais, culturais e históricos”. Nesta perspectiva, o Serviço Social pode trabalhar a questão da obesidade, contribuindo com a “criação de políticas públicas de proteção, orientação, socialização, fortalecimento de autonomia e processos de escolhas”.

Trabalho, desemprego e identidade: estudo de caso em uma empresa privatizada do setor de telecomunicações, de Suzana da Rosa Tolfo, e outros autores, aponta que o setor das telecomunicações tem sido representativo das tendências das transformações no mundo do trabalho na contemporaneidade. Preocupados em ouvir as falas de sujeitos demitidos de uma empresa específica de telecomunicações de Santa Catarina, os autores descobrem que a exclusão social que vivenciam está acompanhada pelo sentimento de injustiça, medo e sofrimento diante do quadro de desemprego. O trabalho e o emprego aparecem como importantes componentes na construção da identidade dos sujeitos.

A temática que versa este volume da revista - **subjetividade e construção de identidades** – está muito bem representada pelos artigos e autores que a compõem. Convido o leitor a aventura instigante de navegar sobre estes mares, descobrir as ondas de avanços e recuos aqui concretizadas, e mergulhar nas possibilidades que tal tema nos proporciona na construção de um sujeito mais emancipado singular e coletivamente.

Kátia Maheirie

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP
Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina
Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Constituição do Sujeito e Práticas Sociais